

ALÉM DAS PALAFITAS: UM ESTUDO SOBRE AS DINÂMICAS SOCIAIS E RELIGIOSAS NA FAVELA DOS ALAGADOS, SALVADOR (1960-1980)

Karine Carvalho da Cruz¹
Elizete da Silva²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a formação da “favela” dos Alagados em Salvador entre as décadas de 1960-1980. Exploramos como fatores políticos, sociais, religiosos e urbanos contribuíram para a constituição dessa região peculiar, marcada pelas palafitas sobre as águas da maré. Examinamos o papel de segmentos da Igreja Católica no desenvolvimento da região por meio das ações sociais. Observamos que fiéis e lideranças notáveis, como a Irmã Dulce dos Pobres, Madre Teresa de Calcutá e o Papa João Paulo II, marcaram uma importante presença do Catolicismo, cuja ações assistenciais modificaram o tecido social dos Alagados, bem como, trouxeram visibilidade à comunidade marginalizada pela inação estatal. Utilizando fontes documentais e iconográficas, buscamos não apenas compreender a trajetória dessas palafitas, mas também destacar a resiliência e as dinâmicas sociais moldadas pela presença da Igreja Católica.

Palavras-chave: Alagados; Salvador; Igreja Católica; Dinâmicas Sociais.

Abstract: The objective of this article is to examine the genesis of the Alagados "favela" in Salvador between the 1960s and 1980s. This article examines the ways in which a range of political, social, religious, and urban factors contributed to the formation of this distinctive region, which is characterised by its construction on stilts over tidal waters. The role of segments of the Catholic Church in the development of the region through social action was also examined. It is evident that prominent figures within the Catholic Church, such as Sister Dulce of the Poor, Mother Teresa of Calcutta, and Pope John Paul II, played a significant role in shaping the social and welfare landscape of Alagados. Their actions not only transformed the social fabric of the community but also brought visibility to those who were previously marginalized by the lack of state intervention. By utilizing documentary and iconographic sources, our objective is twofold: firstly, to comprehend the trajectory of these palafitas, and secondly, to elucidate the resilience and social dynamics that have been shaped by the Catholic Church's presence.

Keywords: Alagados; Salvador; Catholic Church; Social Dynamics.

¹ Mestranda em História na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Participa do Centro de Pesquisa da Religião Prof. João Dias de Araújo (CPR - UEFS). Foi orientanda da Professora Elizete da Silva na graduação com o trabalho: “Uma Igreja para o Povo: Catolicismo e Assistencialismo nos Alagados, Salvador (1969 - 1980)”. E-mail: contato.karine01@gmail.com. ORCID: 0009-0003-7602-2564.

² Pós-doutora pela Universidade de Évora (UE). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é Professora Plena na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: cliosilva@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-2343-8438.

Introdução

A cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, destaca-se historicamente por nuances em sua dinâmica socioespacial. Com uma divisão geográfica que a segmenta em baixa e alta, observa-se um desenvolvimento mais ordenado e planejado em determinadas áreas, em detrimento de outras. Segundo Alison Conceição Brito e Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues (2022), essa discrepância é influenciada por marcadores sociais que delineiam as relações de privilégio e desigualdade comuns nos grandes centros urbanos. Nesse cenário, os bairros nobres ocupam a parte alta da cidade e as zonas periféricas se destacam na outra porção, onde também há invasões.

O século XX foi uma época de profunda transformação para a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. Essa cidade rica em história e cultura viu-se diante de uma série de eventos que moldaram sua dinâmica socioespacial, influenciando a vida de seus habitantes e, em particular, das comunidades periféricas, como os Alagados.

Este artigo, *Além das Palaftas: Um estudo sobre as dinâmicas sociais e religiosas na favela dos Alagados, Salvador (1960 - 1980)* tem por campo de debate uma interface entre a História Social e a História das Religiões. Buscamos compreender aspectos pouco explorados, como a interconexão entre a fé, práticas religiosas, ações e movimentos sociais. Direcionamos nossa atenção para o papel da Igreja Católica e sua influência no desenvolvimento das comunidades em situação de carência. Também fazem parte da análise as iniciativas promovidas a partir do início do fluxo migratório de membros da comunidade religiosa católica que atuaram no Centro Social do Uruguai e das atividades assistenciais realizadas por Irmã Dulce nos Alagados desde o seu surgimento aproximadamente, em 1940, bem como durante o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil entre 1964 e 1985.

Neste período, a Igreja Católica no Brasil vivia uma nova perspectiva teológica. Clodovis Boff e Leonardo Boff (2010) identificam nele o nascimento da Teologia da Libertação, uma visão religiosa diante das injustiças cometidas contra os pobres, não apenas no âmbito do pobre individual que mendiga, mas na compreensão do pobre dentro de sua instância coletiva, as chamadas classes populares. Nelas, o indivíduo pobre pertence a um segmento social. Esta doutrina, a Teologia da Libertação, tem como propósito melhorar a situação dos mais necessitados e auxiliar os mais carentes, respectivamente.

O principal objetivo deste trabalho se concentra na observação da constituição das dinâmicas sociais da região dos Alagados, influenciadas pela Igreja Católica em sua luta pela melhoria das qualidades de vida da população pobre. Segundo Cruz (2023, p. 55), na região, cuja situação era precária:

[...] a presença religiosa não se limitava apenas às ações caritativas, mas também incluía lideranças que se esforçaram para criar um ambiente de esperança e solidariedade, oferecendo auxílio espiritual, apoio prático e uma visão de um futuro melhor.

A década de 1960 demarca uma pluralidade de acontecimentos sociais e religiosos que moldaram o cenário socioeconômico da época. Em 1964, o Golpe Civil Militar no Brasil trouxe consigo não apenas mudanças políticas, mas também teve impactos profundos nas dinâmicas sociais, inclusive nas práticas religiosas. O início desse período coincidiu com o emergir do fluxo religioso nos Alagados, o que desencadeou transformações notáveis nas experiências espirituais e nas estruturas comunitárias.

Além disso, este período foi marcado pelo Concílio Vaticano II, que ocorreu entre 1962 e 1965. Este foi um marco significativo na História da Igreja Católica, promovendo uma abertura ao diálogo e à adaptação da Igreja às realidades contemporâneas. Neste contexto de mudanças políticas, os movimentos religiosos e a influência do Concílio Vaticano II proporcionaram uma base rica para explorarmos as interações entre religião e ações sociais em comunidades carentes.

O recorte final deste artigo se concentra nos eventos relacionados à primeira visita apostólica do Papa João Paulo II à região dos Alagados, marcando um momento histórico de magnitude extraordinária. A escolha desse recorte se fundamenta na complexidade e impacto significativo dos preparativos para a chegada do Papa, que não apenas resultaram na rápida construção de uma Paróquia e de um alojamento para as Missionárias da Caridade, mas também acarretaram benefícios substanciais para o bairro. Ademais, a visibilidade da mídia nacional sobre os Alagados durante esse período é um elemento crucial que justifica o enfoque final do artigo. A atenção da imprensa contribuiu para amplificar o impacto dos eventos, evidenciando a relevância histórica e cultural desses acontecimentos na região. A cobertura midiática não apenas destacou a visita papal, mas também trouxe à tona as mudanças urbanas substanciais promovidas pelos investimentos do Governo Estadual, totalizando aproximadamente doze milhões de cruzeiros.

O crescimento industrial na Península de Itapagipe, onde se localiza a região de Alagados, entre as décadas de 1930 e 1950, trouxe uma onda de migração para as áreas urbanas em busca de oportunidades de trabalho. Segundo Lago (2019, p. 3):

Os indivíduos sempre estiveram em constantes movimentos em busca de sobrevivência, melhorias na qualidade de vida, nesse sentido temos na historiografia diversidades de movimentos populacionais que marcam a história dos povos desde o surgimento dos primeiros indivíduos.

Com o avanço industrial por volta de 1940, a Península de Itapagipe foi designada pela Prefeitura de Salvador como Polo Industrial, buscando atrair todas as indústrias interessadas na capital baiana. Esse acontecimento atraiu famílias de baixa renda em busca de oportunidades de trabalho, principalmente vindas do Recôncavo e das ilhas da Baía de Todos os Santos. Sem moradia, os operários das fábricas e outros habitantes acabaram se instalando em uma área precária da cidade (KERN, 2015). A comunidade subsistiu através da generosidade religiosa e do apoio progressivo de empresários. Alagados transformou-se em um epicentro religioso, recebendo respaldo de diversos grupos, incluindo jesuítas, padres e outras religiões. De acordo com Cruz (2023) durante a década de 1960, o mangue foi gradualmente aterrado com os detritos urbanos, resultando na substituição das palafitas por residências construídas em mutirões organizados pelos próprios moradores.

Apesar dessas transformações, Alagados manteve-se profundamente afetado pela extrema pobreza, enfrentando significativos desafios relacionados à saúde e à habitação. O trabalho missionário foi reforçado quando a Paróquia de Nossa Senhora dos Alagados foi construída para ser local da visita do Papa João II em 1980.

Com o intuito de elaborar respostas significativas para as questões apresentadas, buscamos abordagens metodológicas e conceitos que fundamentaram a base teórica desta pesquisa. Entendemos que o estudo das religiões deve ser compreendido por meio de uma análise do contexto social e cultural da sociedade na qual está inserido. Para apresentar os protagonistas das ações sociais na região dos Alagados em Salvador, recorreremos ao conceito de campo religioso desenvolvido pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1974). Segundo o autor, a religião faz parte de um sistema estruturante do corpo social, oferecendo símbolos e sentidos, e as instituições religiosas mantêm uma relação importante com os fatores econômicos, sociais e políticos das sociedades.

Bourdieu (1974) destaca que as transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e desenvolvimento das cidades, constituem a condição comum para a constituição de um campo religioso autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de "moralização" e "sistematização" das crenças e práticas religiosas. A religião, assim, proporciona caminhos de legitimação das ações e modos de vida, movendo-se por hierarquias que incluem sacerdotes, sacerdotisas, religiosos, leigos e outros setores dos templos ou ambientes de culto.

Percebemos que os Alagados é um território de luta pelos direitos mais básicos de subsistência. Assim, para entender as questões que englobam os espaços das dinâmicas urbanas e sociais, nos apoiamos no conceito de “direito à cidade” de Henri Lefebvre (2008). O direito à cidade enfatiza a importância da participação ativa dos cidadãos na construção e transformação do espaço urbano, destacando a dimensão social e cultural dessas intervenções. Nesse contexto, as ações religiosas na comunidade não apenas atendem às necessidades imediatas, mas também contribuem para a reivindicação do direito à cidade pelos moradores, possibilitando uma participação mais ampla na construção de seu ambiente urbano.

Segundo o autor, pode-se observar que a cidade emerge e estabelece espaços destinados a satisfazer as demandas dos seus habitantes, transformando o ambiente urbano em um reflexo das relações sociais que ali se configuram. Sob essa ótica, o incremento do crescimento populacional nas áreas urbanas, decorrente da industrialização, acarreta o surgimento de uma variedade de problemas sociais a serem ou não solucionados (LEFEBVRE, 2008).

O conceito de representação de Roger Chartier (1990) nos ajuda a entender como os indivíduos fabricam intelectualmente seu próprio mundo, especialmente no contexto religioso. Para Chartier (1990), a noção de representação ultrapassa a esfera de simples práticas sociais, constituindo-se em uma jornada dos sujeitos que buscam entender sua realidade. Ele destaca que as representações são fundamentais para a compreensão de como os homens percebem o funcionamento de uma dada sociedade e as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Em outras palavras, as representações são os meios pelos quais as pessoas constroem significados e atribuem sentido às experiências.

Os Alagados da Bahia: A invasão sobre a maré e suas características

Na segunda metade do século XX, o processo de urbanização de Salvador foi influenciado pela industrialização e migração rural, resultando em uma piora nas condições de moradia para as populações mais pobres. Esse desenvolvimento tardio e sem controle gerou uma periferização da cidade, refletindo articulações de marginalização promovidas por setores políticos, econômicos e institucionais. Isso resultou na divisão entre setores abastados e populares, sendo estes últimos marcados por desigualdade social, precariedade de serviços urbanos e violência devido à baixa presença do Estado. Há ainda outros elementos constituintes não negativos, como a proximidade social e o compartilhamento de práticas. Tais constituintes moldaram relações culturais e construíram a identidade coletiva (ROCHA, SERRA & TEIXEIRA, 2015).

Segundo Lefebvre, a cidade não é apenas um produto material, mas o resultado das interações humanas, moldando-se como um espaço dinâmico onde se integram elementos materiais e de vida humana. O aumento populacional nas cidades devido à industrialização trouxe consigo diversos problemas sociais, refletindo as limitações do sistema capitalista em proporcionar qualidade de vida aos habitantes urbanos empobrecidos:

Salvador, nas três primeiras décadas da República, era um centro urbano que apresentava sérios problemas infra-estruturais, tais como, baixo número de casas, superlotação em cada unidade residencial, concentração da propriedade, e, conseqüentemente [*sic*], péssimas condições de moradia para a maior parte da população (RODRIGUES, 2003, p. 7).

O desenvolvimento descontrolado resultou em condições precárias de moradia, agravando disparidades sociais e promovendo a segregação entre áreas abastadas e populares. A falta de controle e investimento estatal nessas regiões contribuiu para um cenário caótico, refletindo as limitações do sistema capitalista diante do crescimento populacional (SOARES, 2006).

Esse fenômeno de “*periferização*” não apenas agravou as disparidades sociais, mas também promoveu a marginalização deliberada por parte dos setores políticos, econômicos e institucionais. A segregação, alimentada pelas condições de classe e renda, dividiu a cidade entre áreas abastadas e populares, estas últimas caracterizadas por

desigualdades sociais, precariedade nos serviços urbanos e aumento da violência, muitas vezes decorrente da baixa presença do Estado nessas localidades (SANCHES, 2010).

Os Alagados nasceram a partir da iniciativa de três trabalhadores das indústrias de Itapagipe. Sem ter onde morar, se alocaram no local onde não poderiam ser retirados pelos órgãos públicos (CARVALHO, 2020). Localizada na Península de Itapagipe, na Baía de Todos os Santos, essa região de manguezal foi tomada por barracos de madeira construídos sobre estacas fincadas na maré, formando um aglomerado de palafitas. Próxima à Avenida Suburbana, a região atraiu migrantes do interior da Bahia em busca de oportunidades na região industrial de Salvador. A construção colaborativa das palafitas não apenas atendia às necessidades habitacionais, mas também promovia o surgimento de uma identidade social, baseada no compartilhamento de práticas e estratégias para sobreviver e integrar-se à cidade (BRITO & RODRIGUES, 2022).

Alagados assumiu a configuração de um verdadeiro bairro,³ desempenhando funções análogas às favelas, servindo como local de moradia e atendimento às necessidades básicas das classes subalternas. Funcionando como destino tanto para aqueles sem moradia quanto para os que chegavam a Salvador em busca de oportunidades nas indústrias locais, o bairro dos Alagados desempenhou um papel crucial na vida da classe trabalhadora. Conforme Carvalho (2002), a favela tornou-se essencial para importantes segmentos das classes proletárias, proporcionando soluções complementares para o problema da moradia e contribuindo para a reposição e manutenção da força de trabalho. Essa dinâmica faz com que a favela, de certa forma, concorra e compita com a sociedade abrangente (GIL & GIL, 1993 *apud* CARVALHO, 2002, p. 38).

As palafitas, estruturas precárias construídas sobre o espaço aquático, evidenciam a precariedade da política habitacional do Estado da Bahia, conforme destaca Soares (2006, p. 24-25). Caracterizadas pela insalubridade, essas habitações, em sua maioria construídas de madeira devido ao baixo custo, também incluem moradias feitas de zinco, plástico ou papelão, destacando a temporariedade dessas estruturas e a iminência de demolição devido à sua fragilidade:

A água que passava por baixo das casas protagonizava momentos antagônicos, que proporcionavam distração para as crianças que brincavam observando o movimento das águas através das fissuras da

³ Expressão cunhada por Alison Brito e Emília Rodrigues (2022) ao descrever os Alagados como um local que desempenhava as funções características das favelas, com estruturas destinadas a servir como moradias e atender às necessidades essenciais da classe trabalhadora.

madeira do chão e também inquietude diante do risco de invasão nas casas (BRITO & RODRIGUES, 2022, p. 10).

De acordo com Cruz (2023) os moradores que viveram na região durante suas primeiras décadas relataram que a sobrevivência era uma luta diária bastante árdua. Para obter água, por exemplo, as pessoas precisavam se deslocar para o outro lado da linha férrea. As canoas, conhecidas como “botezinhos”, eram utilizadas para transportar a água, e os moradores compravam baldes para suprir suas necessidades diárias.



Figura 1 - As Palafitas, as pontes e a maré. Alagados, Salvador
Fonte: Brito & Rodrigues, 2022, p. 9.

A Figura 1 retrata vividamente a vida nos Alagados, capturando a essência desse ambiente de maneira evocativa. As pontes de madeira que conectam as casas sobre palafitas, entrelaçando-se sobre o manguezal, proporcionam uma visão da complexa teia de relações e das dinâmicas cotidianas. Essa infraestrutura improvisada não apenas reflete a resiliência da comunidade, mas também sua capacidade de se adaptar às condições adversas.

Até a década de 50, Alagados ofereciam vantagens como oportunidades de emprego e terras de baixo valor comercial, sem proprietários que resistissem à invasão. A construção de palafitas na água evitava retaliações, e a isenção de custos de aluguel e transporte, além do acesso aos recursos do mar, compensavam as dificuldades. Com o tempo, as novas gerações investiram na criação de áreas firmes através de aterramentos,

utilizando entulhos e barro encontrados nas proximidades (ALIANÇAS DA CIDADE, 2008).

A substituição das estruturas habitacionais nos Alagados, que antes eram feitas de materiais como madeira, zinco, papelão e plástico, passou a envolver materiais mais robustos como pedras, blocos e cimento. Entretanto, mesmo com essas mudanças, a precarização persistiu, com algumas habitações não sendo reestruturadas. A partir da década de 1960, a região experimentou um agravamento do processo de degradação socioeconômica, influenciado pela redução do fluxo ferroviário em favor do transporte rodoviário, pelo fechamento de indústrias em Itapagipe e pela diminuição do transporte coletivo devido à realocação da rodoviária (CRUZ, 2023).

Conforme Rocha (2019), um estudo realizado em janeiro de 1960 com famílias nos Alagados indicou que quase 70% dos moradores anteriormente residiam em outros bairros de Salvador, evidenciando a profunda crise habitacional na capital. Essa situação revela que para parte da população trabalhadora, a repressão da Ditadura Civil-Militar e o medo que tal repressão provocada não foram novidades. Duas reportagens do *Jornal A Semana*, mostravam as primeiras iniciativas governamentais para a “favela” na região da maré que já existia desde o início do século XX.

Na década de 1970, o Estado busca legitimar-se junto às massas oprimidas por meio da oferta de serviços básicos de trabalho e vida, como destacado por Espiñeira (1997). As políticas assistenciais, alinhadas ao discurso de participação e cidadania, tornam-se mecanismos utilizados para esse fim. No entanto, apesar dessas iniciativas, as carências persistem. As associações de bairro continuam a levantar diversas bandeiras, abordando temas como a falta de serviços públicos, carência de moradia e a ausência de assistência em saúde (ESPIÑEIRA, 1997).

A região dos Alagados atravessou fases distintas de ocupação, marcadas pela fragmentação das famílias que ocupavam diferentes áreas. Essa expansão enfrentou repressão estatal, expressa pela falta de investimentos e descaso prolongado. Até os anos 1970, a ausência de apoio governamental foi notória, levando os moradores a se organizarem ativamente por meio de associações de bairro para compensar as deficiências na infraestrutura e garantir serviços básicos.

A intervenção governamental, iniciada na década de 1970 com a criação da Alagados Melhoramento S.A. (AMESA), não resultou em melhorias substanciais nas

condições de vida. Como analisado por Cruz (2023) a memória do abandono estatal persiste entre os moradores, destacando a necessidade de uma participação comunitária ativa para superar desafios contínuos:

“Isso aqui era um abandono total, as casas todas em cima da maré, balançando que eu não sei nem como conseguiam andar.” (Pereira, entrevista concedida à autora em 2023). E completa afirmando: “Não me lembro de apoio do governo não, depois que o governo veio entrá [sic] aqui muito tempo depois foi quando o Papa João Paulo II veio inaugurar aqui, aí o governo entrou.” (CRUZ, 2023, p. 52)

A falta de investimento público na área e as deficiências na garantia dos direitos fundamentais foram supridas, em grande parte, pela mobilização da própria comunidade por meio de associações de bairro, que desempenharam um papel vital na prestação de serviços essenciais. O cenário de “invisibilidade” social, conforme observado por Valber Carvalho (2020), caracterizava aqueles abaixo dos trabalhadores pobres e carentes, desprovidos de qualquer proteção estatal. Nesse contexto de negligência, a atuação de lideranças religiosas, como Irmã Dulce, ganhou destaque, revelando a necessidade contínua de esforços comunitários para lidar com a carência de serviços básicos e a falta de assistência do Estado.

Religião e Resistência: a Igreja Católica nos Alagados e a ação social

Diversos autores, como Volpini (2016), Soares (2006), Rodrigues & Brito (2022), evidenciam a ausência de assistência governamental e políticas públicas em Alagados, tornando a região dependente do apoio religioso para a manutenção social e o processo de aterramento da comunidade. Nesse contexto, a igreja desempenha um papel crucial, auxiliando a comunidade local em situações difíceis, conforme destacado pelo site da Prefeitura de Salvador (2022).⁴

A necessidade de ação coletiva e o papel central da instituição eclesiástica na assistência social em Alagados são aspectos salientes na narrativa, sublinhando a importância de uma abordagem colaborativa para enfrentar os desafios sociais e econômicos enfrentados pela comunidade ao longo do tempo. Na matéria publicada pelo Jornal *A Semana*, uma demonstração da relação entre Igreja, Estado e população já é

⁴ Para ver mais sobre a atuação da Igreja Católica nos Alagados: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/sp-105313636/>.

visível. A frase inicial, “Ai Alagados — lixo e miséria — subdesenvolvimento que clama aos homens na terra para que os filhos de Deus dos Alagados não fiquem como animais. Governo; Igreja, todos precisamos lutar para livrar-nos desta chaga” (*A Semana*, 1968), destaca a urgência de uma ação conjunta do Estado, Igreja e Comunidade para superar a miséria e o subdesenvolvimento em Alagados. A mensagem transmitida reflete a interação complexa, sublinhando a responsabilidade compartilhada na resolução dos problemas enfrentados pelos moradores.

A chegada de Irmã Dulce aos Alagados por volta de 1939 marcou um ponto crucial na vida dos moradores, representando uma transformação significativa. Ela foi pioneira ao estabelecer-se nas palafitas, trazendo uma mensagem de esperança e auxílio. Sua presença solidária e incansável atuação em prol dos necessitados a tornaram uma figura querida e respeitada na comunidade.

Irmã Dulce, cujo nome de nascimento era Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, foi uma religiosa católica brasileira nascida em Salvador, Bahia, em 26 de maio de 1914, e faleceu em 13 de março de 1992. Também conhecida como "O Anjo Bom da Bahia", dedicou sua vida à assistência social e à promoção do bem-estar dos menos favorecidos. Fundadora das Obras Sociais Irmã Dulce, instituição reconhecida por seu trabalho filantrópico, ela foi canonizada como Santa Dulce dos Pobres em 2019 pelo Papa Francisco (ROCHA, 2019).

Irmã Dulce não foi apenas uma líder religiosa, mas também uma amiga e defensora das causas locais. Em um relato sobre uma entrevista, Cruz afirma: “Dona Idalci Pereira, relata sobre a presença das agentes religiosas que ‘se não fosse essa ajuda, eu não sei o que seria do povo’” (2023, p. 55).

Em torno de 1939, durante o trabalho no ambulatório, Irmã Dulce encontrou um jovem de cerca de 15 anos em condições precárias. Desprovido de abrigo, comida e calçados, o rapaz estava tremendo de febre. Com uma cuia suja e uma esteira, ele suplicou à freira para não ser deixado morrer na rua (Rocha, 2019, p. 67). A morte de pessoas devido à falta de assistência básica de saúde não era incomum nas periferias de Salvador, como na península de Itapagipe. No ambulatório, Irmã Dulce frequentemente recebia pedidos de socorro, mas esse caso em específico a chocou. A partir desse momento, ela intensificou seus esforços para atender aos mais necessitados na comunidade em formação (Godoy, 2019, p. 34-35).

Ainda sobre a atuação solidária da freira, Cruz afirma que “[...] nas habitações improvisadas dos Alagados, Irmã Dulce entregou alimentos, medicamentos, atendimento médico, vestuário e também contribuiu na construção de residências para aqueles que enfrentavam condições precárias de moradia” (2023, p. 62).

A localização próxima ao mar e a construção sobre áreas de maré agravavam as condições precárias dos Alagados, com riscos como pontes frágeis, casas desmoronando e o perigo de afogamentos e ferimentos, destacou o Padre Etienne Kern (Correio 24 horas, 2023). Na mesma matéria, Rafael Dantas, historiador especializado na iconografia de Salvador no século XX, contextualiza a atuação de Irmã Dulce na região, associando-a a um período de expansão populacional na cidade. Ele destaca que a pobreza evidenciada nos Alagados revela o abandono e a ausência de políticas públicas ao longo do tempo (Correio, 2023).



Figura 2 - Irmã Dulce em frente as palafitas. Alagados, Salvador
Fonte: Correio 24 horas, 2024

Na imagem retratada, ao posar diante de uma das residências, Irmã Dulce personifica a luta contra a pobreza e as condições habitacionais precárias. A presença da freira nas palafitas transcende o simbolismo, representando visualmente seu empenho em ser uma voz para os marginalizados e uma defensora incansável dos Direitos Humanos.

Na década de 1960, Irmã Dulce consolidou sua influência política, recebendo apoio de entidades estadunidenses para as Obras Sociais em 1962. Isso resultou na entrega de leite em pó para mais de seis mil crianças nas periferias de Salvador, especialmente na favela dos Alagados (ROCHA, 2019, p. 116).

De acordo com Reis (2017 *apud* CRUZ, 2023), em 1964, a queda do presidente João Goulart marcou a ascensão da Ditadura Militar no Brasil. Clérigos influentes na Igreja Católica viam a derrubada do governo reformista como uma forma de preservar o tradicional poder hierárquico da igreja na sociedade e política. Acreditavam que estavam combatendo uma ameaça à estabilidade social diante das transformações internas da Igreja.

Diante do avanço das correntes políticas de esquerda durante o governo Goulart, membros religiosos, temerosos do espectro comunista, apoiaram o golpe e formularam discursos que conferiam legitimidade ao governo autoritário. Alguns desses indivíduos chegaram a colaborar com as forças de repressão, denunciando seus próprios companheiros de fé (COSTA, 2011).

Na cidade, ocorreram detenções, práticas de tortura e medidas repressivas direcionadas a movimentos sociais, estudantis e políticos que resistiam ao regime. O governo militar tinha o objetivo de sufocar qualquer tipo de dissidência, transformando cidades como Salvador em cenários de uma atmosfera marcada por repressão, temor e censura (ZACHARIADHES, 2009).

Sobre a perspectiva política de Irmã Dulce, ela manteve uma atitude conciliadora: ela dizia se de mesma não tomar partido. Segundo o site Salvador da Bahia (2024):

Nos mais de 60 anos dedicados à caridade, Dulce foi uma "embaixadora" da fé e também da cidade. Para cá, conseguiu atrair a atenção – e a presença – de poderosos da política e da religião. Só para se ter uma ideia, enquanto viveu, Irmã Dulce passou pela gestão de 53 prefeitos de Salvador, 28 governadores da Bahia e 26 presidentes da República. Governos de direita, esquerda, centro e militares. A todos, sem exceção, pediu ajuda. "A minha política é a do amor ao próximo. Não entro na área política, não tenho tempo para me inteirar das implicações partidárias. Meu partido é a pobreza", costumava dizer aos seus visitantes.

Utilizando de seu poder social e de suas interações políticas, Irmã Dulce dedicou sua vida a ensinar as pessoas a pescarem, não apenas dando o peixe, mas capacitando-as para serem autossuficientes. Sua abordagem ia além de simplesmente fornecer comida; ela buscava restaurar a dignidade humana, permitindo que cada indivíduo conquistasse sua própria subsistência (Cruz, 2023).

Nos Alagados, a presença e a atuação de agentes da Igreja Católica iniciada pela participação da Irmã Dulce podem ser interpretadas como parte construtora de um campo religioso. Segundo Pierre Bourdieu (1974) um campo é um espaço social onde agentes e instituições competem por capital simbólico, uma forma de poder constituída por reconhecimento e prestígio. Além de papéis espirituais, essas figuras de setores da Igreja Católica desempenharam atividades assistenciais, moldando a vida da comunidade, fazendo intervenções e exercendo influência.

Na década de 1960, a continuidade da obra iniciada por Irmã Dulce chegou aos Alagados, reforçando a presença eclesiástica na região. O Padre João Maria Gardenal, um jesuíta italiano desempenhou um papel crucial nesse processo entre 1960 e 1972. Sua influência resultou na chegada de Irmã Iracema, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, das Voluntárias da Caridade e do Diácono Helvécio. Gardenal também iniciou os cursinhos de Cristandade, facilitando a integração das irmãs vinculadas a Madre Teresa. Além disso, abriu a Casa São José em Mar Grande, beneficiando os paroquianos e deixando um legado diversificado que impactou positivamente a comunidade dos Alagados e arredores (KERN, 2015).

Ao lado dos jesuítas, as agentes religiosas estabeleceram-se e articularam esforços em Centros Sociais, concentrando-se na formação profissional e atendimento à saúde. Além de se dedicarem à evangelização e à catequese, muitas decidiram residir nos Alagados, tornando-se lideranças eclesiásticas do Uruguai e outros bairros. A atuação dos jesuítas abrangeu aproximadamente quatro centros sociais, situados nos bairros da cidade baixa: Uruguai, Massaranduba, Mangueira e Jardim Cruzeiro (KERN, 2015).

Segundo Cruz (2023), um morador do Uruguai destacou em entrevista que os jesuítas foram essenciais na comunidade, criando um prédio para o trabalho educacional da Irmã Iracema, especialmente na área infantil. Na época, não havia uma paróquia formal na região, e os jesuítas realizavam missas, mas enfrentavam desafios significativos na evangelização devido às dificuldades de acesso nas palafitas, que exigia transporte por barco.

A chegada de agentes religiosos, como o Padre João Maria Gardenal e Irmã Iracema, foi um marco crucial na transformação dos Alagados. Suas lideranças, aliadas à construção do Centro Social do Uruguai em 1969, posteriormente transformado em um Centro Pastoral por volta de 1971; e aliadas à instalação de uma farmácia na Rua Direta

em 1966, foram eventos significativos que delinearam um novo cenário na comunidade (KERN, 2015).

Por volta de 1965, a construção do Centro Social do Uruguai teve início por meio de uma doação de 60.000 cruzeiros vinda de São Paulo, entregue a Irmã Iracema. As Missionárias de Jesus Crucificado preferiram que essa doação fosse recebida pelos jesuítas, que adquiriram uma área na Rua Direta do Uruguai. Posteriormente, foi iniciada a construção da farmácia, um ambulatório e um espaço para encontros de catequistas e cursos de formação, apesar de o terreno estar submerso durante a maré alta. Irmã Iracema conseguiu convencer uma missionária italiana a investir no local, que foi aterrado com lixo e cascalho (CRUZ, 2023).

O Centro Social tornou-se um espaço onde Irmã Iracema liderava a instrução na formação humana, capacitando pessoas de todas as idades para receber os sacramentos e manter sua fé católica, incluindo atividades como o ensino da leitura e escrita às crianças e jovens (KERN, 2015).

Esses religiosos percorriam as casas em busca de crianças, jovens e adultos para os projetos de educação do Centro Pastoral. Além da catequese e do reforço escolar, outras atividades foram incorporadas às ações das Obras Sociais, como cursos profissionalizantes e o curso de religião ministrado pela própria Irmã Iracema (KERN, 2015). Segundo o Padre Etienne Kern (2015) além do enfoque educacional, as Irmãs e os Jesuítas também desempenhavam um papel crucial na promoção da saúde na comunidade, prestando primeiros socorros às pessoas feridas devido a acidentes nas palafitas.

Em abril de 1969, o Jornal *A Semana*, na matéria “O Governo Estadual Recuperará Alagados”, destaca a atuação social das Obras Sociais do Salvador, lideradas por Padre Gardenal, Irmã Iracema e outros. A reportagem menciona a construção de um prédio para residência onde funciona um posto médico atendendo uma média de 15 pessoas por dia às quartas-feiras. A matéria aponta as principais doenças na região do Alagado do Uruguai, como poliomielite, verminoses, anemias e problemas relacionados à alimentação:

As Obras Sociais do Salvador, com Padre Gardenal, Irmã Iracema e outros, já veem [*sic*] trabalhando quando os órgãos públicos afirmavam que sua obra era uma gota de água no oceano ... tendo construído um prédio para residência, onde há instalada um Posto Médico funcionando, na parte médica, uma vez por semana, todas as quartas

feiras, atendendo uma média de 15 pessoas por dia [...] As doenças que mais se manifestam nesse Alagado do Uruguai são poliomielite, verminoses, anemias e de alimentação em geral (*A Semana*, 1969, p. 1).

A atuação das agentes religiosas não se limitou apenas às ações caritativas, estendendo-se para lideranças que buscavam criar um ambiente de esperança e solidariedade. Além de oferecer auxílio espiritual e apoio prático, essas religiosas contribuíram para forjar uma comunidade mais forte e resiliente nos Alagados. O testemunho desses religiosos mostra como a fé e a compaixão desempenham um papel transformador mesmo nos contextos mais desafiadores, inspirando a construção de um futuro mais promissor.

O Mundo observa a Maré: Uma Perspectiva sobre o Estado, Mídia e Fé nos Alagados

Após a saída de Irmã Iracema e das Missionárias de Jesus Crucificado, a presença das religiosas vinculadas à Igreja Católica permaneceu forte nos Alagados. Em 1979, atendendo a um pedido do Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela,⁵ os Alagados receberam a visita da Madre Teresa de Calcutá. Este evento representou um marco na presença religiosa na região, demonstrando a continuidade do compromisso da Igreja Católica com a comunidade, mesmo após mudanças na liderança religiosa local (KERN, 2015, CRUZ, 2023).

Madre Teresa, mundialmente reconhecida, recebeu em 1960 um passaporte diplomático para ser “mediadora em questões humanitárias” em nome da Igreja Católica (Fundação Pontifícia ACN, 2021). Ao visitar o Brasil em 1979 a pedido do Papa João Paulo II, ela o fez poucos meses antes de receber o Prêmio Nobel da Paz. O seu objetivo era fundar uma casa de assistência das Irmãs Missionárias da Caridade no Uruguai, bairro que se desenvolveu a partir dos Alagados. Durante sua estadia, teve um encontro

⁵ Dom Avelar Brandão Vilela foi um líder religioso brasileiro, nascido em Maceió em 1912. Ele desempenhou papéis significativos na Igreja Católica, atuando como professor e assistente geral da Ação Católica e da Liga Eleitoral Católica. Além disso, foi vice-presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em 1965 e do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) no ano seguinte. Dom Avelar Brandão Vilela presidiu a Segunda Conferência de Medellín em 1968 e atuou como Arcebispo de Teresina até 1971, quando foi designado para a sede primaz de Salvador. Ele se destacou como uma figura importante da representação da Igreja Católica durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Para ver mais: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. Dom Avelar Brandão Vilela e a ditadura militar. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.). **Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetivos, Novos Horizontes**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 175 - 190.

significativo com Irmã Dulce, passando cerca de duas horas juntas na sede da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição em Salvador, incluindo uma visita aos Alagados, onde Irmã Dulce realizava seu trabalho social (ROCHA, 2019; SALVADOR DA BAHIA, 2023).

O evento levantou questionamentos sobre o papel de Irmã Dulce na sociedade de Salvador. Muitos se indagavam se a freira baiana não merecia o mesmo reconhecimento da Madre Teresa. Ambas se dedicaram de maneira intensa aos pobres, demonstrando uma caridade maternal ao acolher cada necessitado com profundo amor, enxergando neles a face de Deus mesmo em meio ao seu sofrimento (GODOY, 2019, p. 105).

A vinda da Madre Teresa de Calcutá aos Alagados não passou despercebida pela mídia que acompanhava tudo de perto. Segundo Rocha:

A polêmica foi insuflada na imprensa baiana por apoiadores de Irmã Dulce, que consideravam o dinheiro doado a Madre Teresa uma injustiça contra Irmã Dulce, que gramava para manter sua obra funcionando. (ROCHA, 2019).

Segundo Cruz (2023), ao instalarem a casa de assistência nos Alagados, os jesuítas cederam temporariamente o segundo andar do Centro Pastoral às Irmãs da Caridade. Posteriormente, conseguiram uma casa pequena para elas na região. No entanto, a Madre Teresa recusou a oferta devido às condições precárias da moradia e, com a ajuda de colaboradores, optou por construir uma casa mais sólida, que futuramente se tornou uma creche para as crianças da comunidade (KERN, 2015).

A chegada das Irmãs despertou grande interesse entre jovens de todo o país, motivados a seguir o apostolado de Madre Teresa. Após a premiação com o Nobel da Paz, as Irmãs compartilharam detalhes sobre o progresso das missões nos Alagados em um encontro mediado pela mídia, destacando a realidade vivida na região (KERN, 2015). Afirma, sobre isso, Cruz:

Foi então que o então Governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães doou um novo terreno no qual, juntamente com o valor deixado pela Madre e com doações de benfeitores, foi edificada uma nova sede” (CRUZ, 2023, p. 74).

Madre Teresa deixou uma marca significativa nos Alagados, consolidando esforços sociais, inspirando esperança e provocando mudanças governamentais. Sua presença impulsionou novas iniciativas e marcou um ponto de virada na comunidade,

gerando reconhecimento internacional e incentivando intervenções mais eficazes para o bem-estar dos moradores da região.

A presença do Papa João Paulo II na Conferência Geral dos Bispos Latino-Americanos em Puebla, em 1979, gerou intensas expectativas e polarização de sentimentos. Para setores conservadores, tanto dentro da Igreja quanto na esfera política, a visita do líder religioso foi motivo de apreensão. Esses setores temiam que a presença do Papa pudesse despertar uma conscientização mais profunda sobre as injustiças sociais presentes na América Latina, fortalecendo movimentos populares que buscavam transformações radicais na realidade socioeconômica da região (LIBÂNIO, 1979).

Por outro lado, muitos membros progressistas da Igreja depositavam na visita papal a esperança de receber um estímulo para continuar sua luta ao lado das classes populares. Segundo o Padre João Batista Libânio (1979) esses membros, incluindo bispos, sacerdotes, religiosos(as) e leigos, estavam profundamente comprometidos com o trabalho pastoral nas periferias urbanas e áreas rurais, enfrentando riscos consideráveis como perseguições, prisões e violência, devido ao seu engajamento em questões sensíveis que desafiavam os interesses das classes dominantes e dos regimes estabelecidos. A visita do Papa João Paulo II tornou-se um momento crucial para a Igreja na América Latina, influenciando a dinâmica das lutas sociais e pastorais na região.

As ações pastorais de João Paulo II refletiam em parte os novos dogmas desenvolvidos pela Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, foi uma assembleia ecumênica da Igreja Católica que buscou renovar a instituição frente aos desafios da era moderna (DOMEZI, 2015). Esse período resultou em documentos importantes que refletiram uma abordagem mais aberta e inclusiva na Igreja.

Segundo Leonardo Boff (1982) a Teologia da Libertação, surgida na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, foi influenciada pelo contexto de pobreza e desigualdade na região. Esse movimento teológico propõe uma interpretação da fé cristã a partir da perspectiva dos pobres, enfatizando o compromisso da Igreja com a justiça social e com a transformação das estruturas injustas. Ambos, Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação, desempenharam papéis importantes na evolução do pensamento e prática da Igreja Católica, moldando sua resposta aos desafios sociais e políticos contemporâneos.

Setores conservadores, tanto eclesiásticos quanto político-civis, expressaram apreensão diante da visita do Papa João Paulo II à América Latina, temendo que sua presença despertasse a conscientização sobre as profundas injustiças sociais na região. Esses setores receavam que a visita fortalecesse movimentos populares em busca de transformações radicais na realidade sociopolítica (LIBÂNIO, 1979).

Em contrapartida, diversos membros da Igreja viam na visita papal uma oportunidade de estimular sua luta ao lado das classes populares, que frequentemente enfrentavam despojamento de meios de vida e cultura. Esses setores, incluindo bispos, sacerdotes, religiosos(as) e leigos, estavam profundamente engajados no trabalho pastoral em periferias urbanas e áreas rurais, enfrentando riscos significativos de perseguições, prisões e violência devido ao seu envolvimento em questões sensíveis que desafiavam os interesses das classes dominantes e regimes estabelecidos (LIBÂNIO, 1979).

De acordo com Roberto Marinho Alves da Silva (2020), nas décadas de 70 e 80, a Igreja Católica no Brasil e no Nordeste já expressava uma visão crítica sobre as políticas regionais que, desde a década de 1950, buscavam vincular a região aos parâmetros de modernização nacional, conservando as estruturas e privilégios das classes dominantes e perpetuando a pobreza, especialmente em áreas marginalizadas e zonas rurais.

Dentro da conjuntura política da Ditadura Militar, entre as décadas de 1970 e 1980, alguns setores da hierarquia eclesiástica mantiveram uma posição mais conservadora e alinhada com o regime militar. Outros membros da Igreja, especialmente aqueles ligados à Teologia da Libertação, adotaram uma abordagem crítica e comprometida com questões sociais. A cidade testemunhou a convivência dessas perspectivas distintas, evidenciando a diversidade de vozes dentro da Igreja Católica. Algumas paróquias e líderes religiosos engajaram-se ativamente em movimentos de resistência e defesa dos direitos humanos, desafiando as injustiças perpetradas pelo regime autoritário. Nesse contexto, a Igreja Católica em Salvador tornou-se um espaço de conflitos ideológicos, em que diferentes visões sobre o papel social da Igreja foram confrontadas durante um período marcado pela repressão política (COSTA, 2011). O autor destaca que “[...] é perceptível que a Igreja reagia a uma repressão que cada vez menos respeitava os centros pastorais, as sacristias e os palácios episcopais” (2011, p. 109).

O anúncio da vinda do Papa João Paulo vinha movimentando a imprensa desde meados de 1979. O Jornal Tribuna da Bahia (1979) já anunciava por intermédio do Arcebispo de Aracaju, D. Luciano Cabral Duarte, que o Pontífice viria ao Brasil em julho de 1980 para cumprir uma agenda de compromissos em nome da Igreja Católica. Em abril do ano seguinte, as primeiras notícias traziam os Alagados ao roteiro da visita papal. Sob o tema de pregar acerca do “Evangelho e as culturas” (O Globo, 1980), no mesmo mês, Dom Avelar Brandão Vilela, acompanhado do Secretário do Trabalho e Bem-estar Social, Bernardo Spector, visitou instituições em Salvador, incluindo a região da Ilha de Santa Luzia nos Alagados, como parte dos preparativos para a visita do Papa João Paulo II. O evento contou com a presença de técnicos do governo, o Prefeito Mário Kertész, o Governador Antônio Carlos Magalhães, e representantes da Nunciatura Apostólica e Conferência dos Bispos do Brasil, conforme documentos do Arquivo da Universidade Católica de São Salvador (UCSAL, 2023).

Estava previsto que entre as bênçãos dadas por João Paulo II, uma seria aos “pobres, das palafitas nos Alagados” (Jornal *A Tarde*, 1980). Também fazia parte dos planos da Arquidiocese que o Papa, durante a visita aos Alagados, abençoar a uma imagem de Nossa Senhora dos Alagados (Jornal *A Tarde*, 1980):

Com o processo da vinda do Papa João Paulo II ao Brasil — durante o período que ainda ocorria a Ditadura Civil-Militar — os Alagados que neste dado período era considerada a maior favela da América Latina, passou boa parte do ano sob os olhos da mídia e acabou por ser beneficiada em diversos aspectos através dessa visibilidade (CRUZ, 2023, p. 77).

Para os moradores da região da Maré, o Papa queria conhecer suas histórias e abençoar a sua luta diária, pois “o Papa deu a entender que queria visitar os Alagados, né, a região mais pobre da cidade” (CRUZ, 2023, p. 77).

Na “Ilha de Santa Luzia”, área arborizada na extremidade da rua Direta do Uruguai, estava em construção a Igreja de Nossa Senhora dos Alagados. O Cardeal Avelar Brandão Vilela concebeu uma imagem que seria abençoada durante a visita do Papa João Paulo II a Salvador, prevista para a manhã de segunda-feira, 7 de julho, antes da missa no Centro Administrativo. A igreja, de acordo com o Cardeal, apresentaria linhas simples adaptadas à realidade local (Jornal da Bahia, 1980).

A decisão de estabelecer uma paróquia nesse cenário pode ser compreendida como uma iniciativa com o propósito de criar um ambiente que favorecesse uma imagem

positiva na mídia, mesmo durante o período de repressão da Ditadura Civil-Militar, marcado pela tensão entre o Estado e a Igreja Católica.

O financiamento da construção da Paróquia dos Alagados, conforme relatado por Kern (2015), foi proporcionado pelo Governo do Estado da Bahia, liderado na época pelo Governador Antônio Carlos Magalhães. O investimento total na obra foi estimado em quatro milhões de cruzeiros, excluindo cinco milhões destinados a projetos de drenagem, pavimentação e iluminação. Essa atenção do Estado à região dos Alagados era até a visita do Papa João Paulo II inédita. O evento teve um impacto significativo, conforme destacado por Cruz (2023): a presença do Papa trouxe visibilidade mundial à comunidade, levando o governo a acelerar melhorias locais.

Além da Paróquia, o governo estadual destinou doze milhões de cruzeiros para aprimorar o bairro, com foco na pavimentação de vias principais, como a Rua Direta do Uruguai e a Rua Polivalente, e na valorização da Praça Santa Luzia, planejada como ponto de pouso de helicóptero para o Papa. O Colégio San Diego Polivalente, fundado em 1972, também se beneficiou dessas iniciativas, proporcionando melhorias substanciais à comunidade (CRUZ, 2023; KERN, 2015).

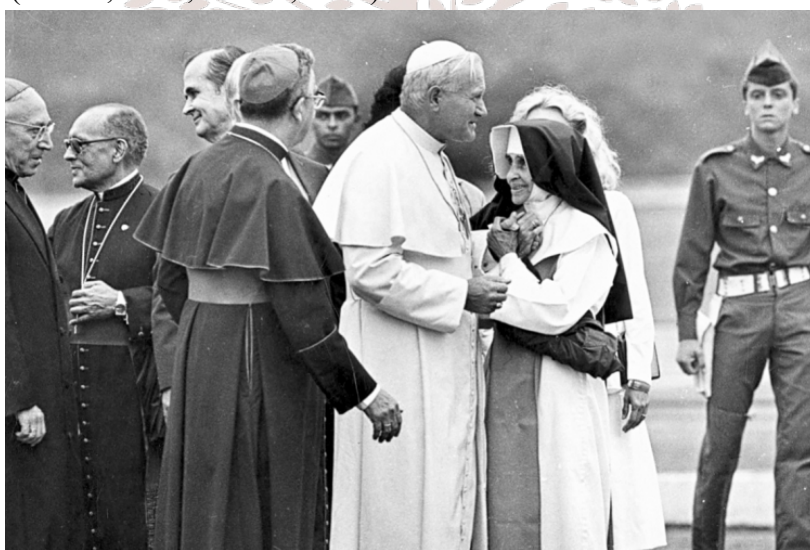


Figura 3 - Irmã Dulce com o Papa João Paulo II, Salvador. Fonte: O Povo, 2019.

Em 6 de julho de 1980, o Papa João Paulo II chegou a Salvador, sendo calorosamente recebido por uma multidão que o aplaudia e saudava com cânticos, instrumentos e grande comoção. Além do aspecto espiritual, a presença de figuras políticas notáveis, incluindo o Governador Antônio Carlos Magalhães, adicionou um

caráter distintivo ao evento, que contou com cerca de 500 mil pessoas ao longo da orla da cidade (ROCHA, 2019).

Durante a visita, a Irmã Dulce, apesar de estar doente, teve a oportunidade de encontrar-se com o Papa em dois ou três momentos, possibilitada pelo esforço do governador Magalhães e do general Moraes Rego, que a levaram ao aeroporto para vivenciar esse momento especial. Essa interação entre a freira e o Pontífice foi considerada significativa para a sociedade de Salvador, diante do papel político e social desempenhado por ambos (ROCHA, 2019).

A presença da Irmã Dulce ao lado do Papa tem um significado representativo crucial. Ela funciona como um símbolo que comunica a importância do compromisso social para o Catolicismo, e destaca o papel de figuras carismáticas como Irmã Dulce na ação humanitária. A representação visual não apenas reflete passivamente a realidade: ela é uma ferramenta ativa na construção de significados e na influência das percepções do público. Roger Chartier (1990) argumenta que as representações não apenas refletem a realidade, mas a constroem, sendo moldadas por interesses específicos. Portanto, o evento em questão não é apenas uma captura visual do momento, mas simboliza a união da Igreja com a prática caritativa, ressaltando o papel das figuras carismáticas na expressão da fé e na ação social. Tanto Chartier (1990) quanto Bourdieu (1974) destacam a influência decisiva das representações na construção da realidade social, moldando e dando forma ao que descrevem e nominam, e agindo como matrizes para discursos e práticas coletivas em momentos de destaque.

A imagem de Irmã Dulce ao lado do Papa, conforme mostrada na Figura 3, reforçou não apenas a importância da Igreja na abordagem de questões sociais, mas também destacou a influência de figuras carismáticas na promoção da caridade e na busca por soluções concretas para os desafios enfrentados pela comunidade.

O Papa chegou aos Alagados no dia seguinte, em um ônibus preparado por sua comitiva, sendo acompanhado do povo, que lhe ofereceria flores, cartas e outros objetos, embora sob a vigilância e controle da polícia e demais forças de segurança. O ambiente das ruas, normalmente marcado por grandes crateras, estava notavelmente limpo, com algumas áreas adornadas por bandeiras amarelas e brancas em homenagem ao Vaticano. Esse contraste criou uma impactante diferença em relação à situação cotidiana do local (KERN, 2015).

Conforme Kern (2015) uma multidão, enfrentando lama e lixo, buscava a bênção do Papa João Paulo II nas ruas principais dos Alagados. Mesmo em condições desafiadoras, dezenas de pessoas se ajoelharam na lama, rezando e pedindo a bênção papal. O Papa, homem considerado santo e infalível na doutrina católica, abençoou os moradores mais próximos, acompanhado pela imagem de Nossa Senhora dos Alagados. Os operários que construíram a igreja tiveram um lugar especial para receber a bênção papal e, na entrada do templo, o Papa recebeu a chave simbólica das mãos de um morador local e fez a benção da Imagem (CRUZ, 2023).

O Papa João Paulo II não testemunhou toda a realidade dos Alagados durante sua visita, pois os locais por onde passou foram preparados para o evento, escondendo problemas como esgoto a céu aberto, lixo e buracos nas ruas. Apesar disso, a visita foi considerada uma bênção para a população. Essa visita contribuiu para consolidar a presença da Igreja Católica na região.

Considerações finais

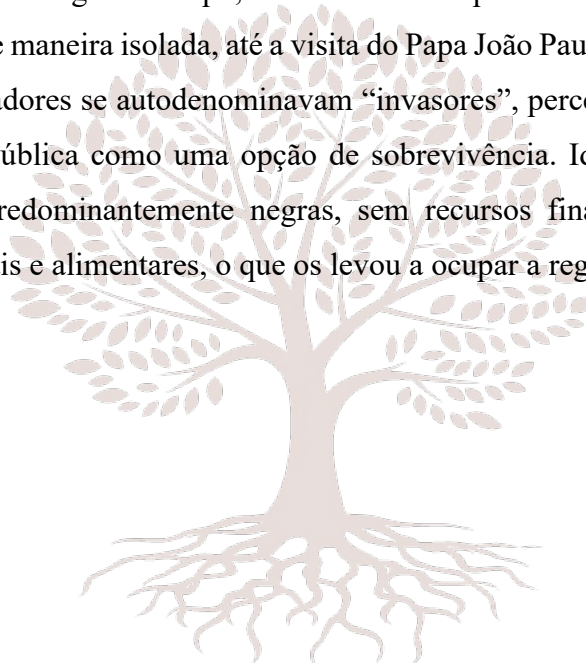
As práticas religiosas e manifestações de espiritualidade exercem um papel essencial na orientação dos costumes, tradições e atividades cotidianas de diversos segmentos da sociedade. Para aqueles que seguem uma fé, são as suas convicções que orientam suas ações, moldando a maneira como tanto homens quanto mulheres se relacionam com o mundo ao seu redor. A partir desse princípio, este estudo visou analisar como a influência da Igreja Católica desempenhou um papel crucial na coesão social da região dos Alagados, por meio de agentes religiosos envolvidos direta ou indiretamente em iniciativas sociais.

A presença da Igreja Católica nos Alagados não apenas consolidou esforços existentes, mas também representou um marco para a continuação do serviço social na comunidade. O contexto vivenciado por essa população destaca a resistência e a reexistência em circunstâncias adversas, onde práticas culturais e sociais são moldadas e reconfiguradas para enfrentar desafios contemporâneos.

Este artigo sobre os Alagados destacou a presença da Igreja Católica, personificada por figuras como Irmã Dulce, que incorporou abordagens progressistas, como a Teologia da Libertação, priorizando o cuidado com os pobres e marginalizados. A presença da Igreja nesse contexto é analisada como uma forma de resistência e

promoção de mudanças sociais, alinhada à proposta do dossiê que busca entender as práticas de sociabilidade como arenas de vivências que reproduzem ou reconfiguram hábitos e costumes.

A cidade de Salvador e sua Região Metropolitana passaram por transformações urbanas e industriais significativas durante o Regime Militar, refletindo-se no padrão de uso e ocupação do solo em Salvador. Os Alagados são resultado de um desenvolvimento tardio e defasado, iniciado no início do século XX com o processo de industrialização e urbanização dos grandes centros, notadamente Salvador. As fontes desta pesquisa apontam para a ausência de intervenção do Estado nos direitos básicos dessas pessoas que se estabeleceram em casas de palafitas sobre a maré, buscando sobrevivência e sustento para suas famílias. Ao longo do tempo, diferentes atores políticos adotaram abordagens diversas no bairro, de maneira isolada, até a visita do Papa João Paulo II em 1980. Relatos indicam que os moradores se autodenominavam “invasores”, percebendo a ocupação de uma área ociosa e pública como uma opção de sobrevivência. Identificavam-se como famílias carentes, predominantemente negras, sem recursos financeiros para custear despesas habitacionais e alimentares, o que os levou a ocupar a região da Maré.



Referências

- ALIANÇA DAS CIDADES. **A vez dos Alagados: A construção de um programa integrado à urbanização de favela em Salvador.** São Paulo: Aliança de Cidades, fevereiro de 2008.
- BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer teologia da libertação.** 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, 147 p.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder: Ensaio de Eclesiologia Militante.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982, 249 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRITO, Alison; RODRIGUES, Emília. **Dos Alagados à terra firme: processo de produção de uma favela, ausência do estado e impactos das dinâmicas socioespaciais na vida dos moradores.** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 24, 2022.
- CARVALHO, Eduardo Teixeira de. **Os Alagados da Bahia intervenções públicas e apropriação informal do espaço urbano.** Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002, 307 p.
- CARVALHO, Valber. **Além da fé: A Vida de Irmã Dulce, Santa Dulce dos Pobres.** Salvador: Irma Bem. 2020.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- COSTA, Iraneidson Santos. **Que papo é esse? Igreja Católica, movimentos populares e política (1974-1985).** Editora UEFS, 2011, 386 p.
- CRUZ, Karine Carvalho da. **Uma Igreja para o Povo: Catolicismo e Assistencialismo nos Alagados, Salvador (1969 - 1980).** Feira de Santana: UEFS, 2023, 100 p.
- DOMÉZI, Maria Cecília. **O Concílio Vaticano II e os pobres.** São Paulo: Editora Paulus, 2015, 112 p.
- ESPIÑEIRA, Maria Victória. **O Partido, a Igreja e o Estado nas Associações de Bairros.** Salvador: Edufba, 1997.
- Fundação Pontifícia ACN. Teresa de Calcutá. *In: Fundação Pontifícia ACN. A verdadeira fisionomia dos Santos: Doze Santos indicam caminhos para Deus.* São Paulo: ACN - Aid to the Church in Need, 2021.
- GODOY, Mariana. **Santa Dulce dos Pobres: a vida, a fé e a santidade do anjo bom da Bahia.** Rio de Janeiro: Petra, 2019, 114 p.
- KERN, Etienne. **Alagados, um abraço do Céu a Terra: uma paróquia missionária a serviço de todos.** Uberlândia, MG: Editora A Partilha, 2015.
- LAGO, Eva Rosa do. **Migração Rural — Urbana: Experiências do Movimento migratório no município de Vargem Grande — MA nos anos de 1980 a 2000.** IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luiz: UFMA. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2008, 114 p.

LIBÂNIO, João Batista. **Visita do Papa à América Latina**: Chaves de Leitura. Petrópolis: Revista Eclesiástica Brasileira. 1979.

ROCHA, Graciliano. **Irmã Dulce**: A Santa dos Pobres. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ROCHA, Mariane Carolina Gomes da Silva; SERRA, Emerson Silva; TEIXEIRA, Aparecida Netto. **Panorama da Habitação Social na Região Metropolitana de Salvador/Ba**. 18ª SEMOC. Direitos Humanos, Ética e Dignidade, out. 2015.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. Salvador, pobreza urbana e infância. In: RODRIGUES, Andréa da Rocha. **A infância esquecida: Salvador 1900-1940**. 2003, p. 7-38.

SANCHES, Maria Aparecida P. **As razões do coração: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador 1889/1950**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Profetismo da Igreja Católica nos anos 1970 e 1980 no Brasil**: As Contribuições para uma economia popular solidária. Paralellus - Unicamp, vol. 11, nº 28, set/dez 2020, p. 497-413.

SOARES, António M. C. **“Territorialização” e pobreza em Salvador - Ba**. Estudos Geográficos, Rio Claro, 4(2), dezembro - 2006, p. 17-30.

VOLPINI, Lorena. “Aqui antes só existia a maré”: notas etnográficas sobre memória coletiva e políticas do espaço na região de Alagados. In: URIARTE, Urpi Montoya; MACIEL, Maria Eunice. **Patrimônio, cidades e memória social**. Salvador: EDUFBA: ABA, 2016, p. 141-169.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.). **Ditadura Militar na Bahia: Novos Olhares, Novos Objetivos, Novos Horizontes**. Salvador: EDUFBA, 2009.

Sites

Como Irmã Dulce, 1ª santa do Brasil, ajudou a transformar as antigas palafitas de Salvador. Correio 24 Horas. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/salvador/como-irma-dulce-1-santa-do-brasil-ajudou-a-transformar-as-antigas-palafitas-de-salvador-0321>. Acesso em: 03 de fev. 2024.

Papa, santos e presidentes: os encontros de Irmã Dulce em Salvador. Salvador da Bahia. Disponível em: <https://www.salvadordabahia.com/papa-santos-e-presidentes-os-encontros-de-irma-dulce-em-salvador/>. Acesso em: 01 de fev. de 2024.

Alagados, sua história e Igreja construída para receber o papa. Secretaria de Comunicação: Prefeitura de Salvador. Disponível em: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/sp-105313636/>. Acesso em: 01 de fev. de 2024.